



Carlos Viacava: "Chegaremos aos US\$ 6,5 bilhões"

## Governo negocia "bridge-loan" de US\$ 3 bi ainda para 83

Amaury Fassy

As autoridades financeiras anunciam, de Washington, a negociação de um novo "empréstimo-ponte" ("bridge loan"), no valor de US\$ 3 bilhões, antes mesmo que os bancos privados internacionais possam negociar com os 800 bancos credores do País o empréstimo de US\$ 6,5 bilhões sugeridos pelo diretor do FMI, Jacques de Larosière.

As primeiras informações do Comitê dos 14 bancos que coordenam o empréstimo de US\$ 6,5 bilhões indicam que os recursos somente serão liberados em janeiro de 84.

De acordo com a terceira carta ao Fundo, o País já estava com reservas negativas de US\$ 4,7 bilhões em 30/06/83, resultante de atrasados comerciais, pagamento de juros suspenso remessa de lucros em atraso e empréstimos de curto prazo não pagos (como a parcela de US\$ 450 milhões devidos ao BIS — Banco Internacional de Compensação). Somente os atrasados comerciais, compreendendo os empréstimos de curto prazo para compra de mercadorias, petróleo, trigo, equipamentos, já totalizam cerca de US\$ 3 bilhões.

O País não tem condições de esperar mais, sob pena de não ter suprimento das matérias-primas básicas e essenciais ao próprio funcionamento da economia. Desde abril a nação não recebe um dólar de empréstimos para rolar a dívida, e a insuficiência de cerca de US\$ 6 bilhões nos projetos 3 e 4 levaram o caixa do Banco Central a níveis negativos sem precedentes na história.

O Brasil está num terrível dilema. Ou consegue logo o "bridge-loan", rapidamente, ou tem de cortar as importações.

A inflação esperada para setembro está em torno de 11 a 12 por cento, e este número irá assustar ao FMI e aos bancos internacionais. O País navega contra a maré, aguardando a reunião o "board" do FMI, em novembro, quando será apreciada a terceira carta de intenção.

As autoridades financeiras brasileiras julgam que os 11 bilhões serão suficientes para a nação rolar a dívida até o final de 84. Mesmo que o "sindicato" dos bancos internacionais consigam obter os US\$ 6,5 sugeridos por De Larosière, haverá a necessidade de se obter mais US\$ 4,5 bilhões.

Será uma negociação muito difícil. Ao que parece, o País terá de usar o artifício de impor

tar mais equipamentos através do Eximbank norte-americano e do Eximbank japonês, e outros agentes financeiros governamentais, que financiam a venda de equipamentos.

Estas operações, infelizmente, só irão agravar os complexos problemas da dívida para o futuro. O parque fabril brasileiro está com uma ociosidade de 30 a 40 por cento, e o clima não é propício para novos investimentos, já que a economia está em recessão acentuada.

Ai está o dilema: de onde tirar os dólares para fechar o balanço de pagamentos?

Carlos Lagoni, em depoimento na CPI da Dívida Externa, esta semana, condenou a compra de mais equipamentos, dos EUA e Japão, o que na prática agravará mais a ociosidade das indústrias brasileiras, reduzindo o nível de emprego das empresas produtoras de bens de capital.

As negociações ficarão cada vez mais difíceis, considerando-se a evolução da sociedade pluralista em que vivemos. Esta sociedade quer discutir, no Congresso, como os diversos segmentos econômicos irão oferecer a sua quota de sacrifício. É o caso típico do debate em torno do Decreto-lei 2045, que altera profundamente os rumos da política salarial.